



Por:
Ana Campello

" UM APANHADO GERAL "

A dificuldade consiste em esperar acontecer para agir remediando, colocando band-aid onde se faz necessário uma big cirurgia. O sistema brasileiro impõe o modelo das capas de revistas, mas em verdade é uma imensa colcha de retalhos confeccionada por mãos de contestáveis perícias.

Então, como podemos observar, dentro de um apanhado geral, versarei alguns tópicos que gritam neste momento de vida deste povo, investidor da alegria, mas preza deste sistema enlouquecido pela fama, daqueles que fazem do pouco o muito, sem uma explicação.

Existem contextos evitáveis, mas por não se tomar às devidas providências no momento certo, transformam-se em verdadeiros pesadelos. Muitos contextos terminam até de forma trágica.

Consideremos uma imensa reclamação feita pelos usuários dos Metrôs do grande Rio. Quem já teve o desprazer de viajar de Metrô em hora do rush, vindo da zona sul, passando pelo Centro e indo até a Pavuna? Quem passa por isso sabe o grau de humilhação que o carioca sofre diariamente. Os trens comportam uma superlotação, que se formos comparar à um curral, neste, sobraria espaço para que o animal se sentisse gente. Os trens do Metrô é uma atrofia só, desrespeitando em total a lei dos direitos de cidadania.

Na época em que era do governo, reclamações por parte dos usuários já existiam, e acreditava-se que o desconforto fosse por parte de pertencer ao governo e este, não liga para o bem estar do povo. Passou-se para as mãos da privatização. Piorou. Intrigante é que no Brasil se paga caro pelas passagens dos transportes coletivos, comparada a outros países, onde o salário base para sobrevivência é maior. Segurança e conforto são tônicas indispensáveis ao contribuinte, mas não é isso que vemos nos transportes do Rio de Janeiro.

Acredito que no Brasil tudo se

mantêm fora do lugar porque o povo se acomodou no: "não adianta reclamar, os governantes sabem o que precisam fazer e não fazem porque não querem". Na inércia não se chega a lugar nenhum. A imprensa é um forte aliado para poder-se atingir objetivos, desde que cada cidadão saiba como e o que necessita reclamar.

A superlotação nos Metrôs precisa ter um fim e este fim chegará quando os usuários, diariamente, se proporem a levar ao alcance de quem é de direito, sua indignação. A força do povo não consiste em depreder os trens, pois esta atitude agrava o problema do próprio usuário, bem antes, é para fazer barulho na porta dos que teriam solução, não os permitindo descansarem.

Um outro desagradável apanhado é o que chamo de "efeito bumerangue". É o que vem acontecendo entre alunos e professores. Ora é um professor que agride um aluno, possivelmente por ter sido desacatado, desrespeitado em sua autoridade dentro da sala de aula. Ora é o aluno que ao se sentir protegido pela nova lei, ou pelos pais, que querem mais é passar a bola do que de errado fizeram com os filhos e agora, por serem, entre si, representantes de facções diferenciadas do tráfico, intimidam os professores e diretores das escolas, ameaçando-os com palavras, gestos obscenos e até com ferimentos físicos.. Que fim levará este duelo? Há um descontrole sócio-econômico-educacional por detrás disso. A começar pela família, em que muitas delas, hoje em dia, perderam a noção de certo ou errado, dos limites necessários que precisam ser passados aos filhos, para que eles não se transformem em vilões de suas próprias vidas.

Quanto às escolas, ameaçadas direta ou indiretamente, perderam o estímulo de fazer bem a sua parte, que é ensinar. Misturam-se as propostas, perdeu-se o melhor da tradição e não se tem como implantar um modelo adequado, já que não se sabe para onde está indo esta nova geração, que convive com desgraças crescentes do tráfico, com a inoperância, em segurança, de um governo despreparado e com perfis de "pais - colegas", que disputam entre si a condição "do primeiro eu". Onde entra a perda de valores, necessariamente, o estado precisa intervir na colocação dos limites, nem que a forma desagrade a uns tantos. Essa forma, inteligente se possível, seria comparada a da mãe amiga e zelosa pelo filho, que quando o vê se aproximar de um abismo causado por sua inabilidade

em viver, coloca o pé na frente e o vê esborrachar-se no chão. Ela prefere a dor de vê-lo no chão, lugar onde ela possa colhê-lo, do que no abismo, onde ela nem mais poderá reconhecê-lo, dada as transfigurações.

Capacitar os professores para lidar com as diferenças individuais e colocar limites nos pais por não darem limites aos seus filhos, pode ser um começo. Os limites das crianças são os limites dos pais.

Um outro super desagradável apanhado, que serve de gancho ao "efeito bumerangue" acima, seria os das pulseirinhas do sexo. Impressionante como se estraga uma moda infanto-juvenil, que poderia sustentar um perfil de inocência. Bastou um desavisado da vida chegar e dar seu significado escandaloso, imoral, para que a idéia se promovesse de forma indecente. O que poderia ser mais um adereço feminino, tomou a forma de um jogo social perigoso. De acordo com a cor da pulseira o acesso a intimidade com a usuária é liberado, que vai do abraço ao sexo expresso. Meninas pré-adolescentes fazem uso destas pulseiras, umas porque temem serem rejeitadas no grupo; outras por gostarem da brincadeira entre representantes do grupo e se tiverem que usar seus corpos, que sejam com quem se interessem; outras por não receberem informações adequadas sobre sexo em sua vida familiar; outras por não terem pais que ligam para o que lhes possam acontecer e outras por não temerem as conseqüências de seus atos. E com a brincadeira vieram os estupro. O mundo é feito de pessoas de vários tipos e não trazem letreiros na testa. Existem os rapazes que levam a brincadeira dentro dos seus próprios limites. Há outros que não. Aproveitam dessa moda para porem em prática traços de uma personalidade doentia. A moda é o alibi que ele procurava para expressar o lado abusado e até cruel da sua personalidade. Afinal é um jogo, e era tudo o que precisava para mostrar o que ele é, sem que se sinta culpado pelo feito, pois ele somente segue as regras do jogo.

Acho que mais uma vez tem que entrar o estado, quanto à proibição da venda e cobrança aos pais pela permissão indevida do uso, pela filha.

Entra a escola em dar aulas de esclarecimentos sobre o sexo e o seu lado bom e não como resultado de um jogo de apostas.

Ao conselho tutelar cabe a orientação dos pais, de como eles precisam

lidar com os filhos mais rebeldes e resistentes a obediência, e que com eles fecham o compromisso de preservar em a conduta dos filhos, sob pena de pagamento de multa, ou até de submeterem-se ao imperativo da lei, caso o pior venha a acontecer aos filhos, em presença da negligência.

Os tempos mudaram e a maneira de ver e fazer sexo também. Há um modelo de expressão livre do nu pelas revistas, pelos canais de comunicação que entram nos lares sem nenhum compromisso com o pudor e suas benéficas regras. Tudo se faz comum e banal. Diante de tantos estímulos, os adolescentes tendo em aberto a válvula do vulcão hormonal, ao se pegarem diante da permissividade sem orientação, extrapolam seus mais profundos desejos bio-emocionais. Possivelmente o perigo disso é a última coisa que passará pelas mentes deles, pois eles não possuem, de uma forma eficaz, uma consciência fechada sobre os conceitos de certo e errado.

Como último apanhado, volto-me à contínua falta de educação do povo carioca em fazer da cidade um depósito de lixo. Muitas são as falhas do governo no controle da limpeza urbana. Lixo da cidade não confere somente como trabalho dos garis. Bem antes é um perfil de cidadania. Muito facilmente latinhas de refrigerantes e copos descartáveis são jogados nas ruas, pelas janelas de carros e ônibus. E quando vem a chuva, porque o Rio está no eixo da linha de Capricórnio, e dessa feita chover por lá é certo e freqüente. E quando vem as enchentes e as águas invadem seus lares, o povo se acha no direito de cobrar ao estado. Neste aspecto a vida se resolve fácil, quem complica são os mal educados.

Estamos na porta de 2016, as chuvas vão continuar, não há escoamento adequado, o estado pára em dias chuvosos. Quiçá até lá estes aspectos físicos sejam solucionados, caso contrário, não haverá condições de viabilizar transportes sem vias liberadas para o fluxo.

Como faz falta uma educação e formação de caráter bom! Assim é que confere a vida.

Carinho procês!

Ana Campello

Psicóloga e escritora

E-mail : ana-campello@hotmail.com